A integralidade da *Missio Dei* na cidade: Perspectivas Bíblico-Teológicas

Jorge Henrique Barro

Dr. Jorge Henrique Barro e Diretor da Faculdade Teológica Sul Americana, Vice-Presidente da Fraternidade Teológica Latino Americana, e pastor presbiteriano na cidade de Londrina. Ele já publicou vários livros.

Este articulo foi tomado de *Missão Integral Transformadora*, (cap.7), Ed. Descoberta, 2005. Usado com permissão.
Diseño: Raquel Reyes Pérez

A TRANSFORMAÇÃO DA CIDADE é um dos objetivos centrais da mis são de Deus. Esta ocupa um lugar de destaque em toda a Bíblia. Mesmo que a primeira cidade construída, por Caim, tenha sido fruto da sua desobediência para com a ordem de Deus, seu julgamento, contudo, não tem por objetivo sua destruição, mas sua restauração integral. Da mesma maneira deve acontecer com a igreja, que ao denunciar os aspectos injustos da cidade, visa trazer a restauração e a reconciliação por meio da justiça, paz e alegria: sinais visíveis do Reino de Deus. Não existe melhor maneira de realizar a tarefa missionária hoje no Brasil que não seja por meio da missão integral. Quando a igreja desenvolve seu trabalho sem a perspectiva da integralidade do evangelho sua missão não só deixa de ser integral, mas passa a ser parcial e, portanto, manca. Um projeto que é parcial prioriza algo em detrimento de outro. O pacto de Lausanne ressalta bem este aspecto, fazendo oposição à dicotomia acima analisada:

> *A mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, de opressão e de discriminação, e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer que existam. Quando as pessoas recebem Cristo, nascem de novo em seu reino e devem procurar não só evidenciar mas também divulgar a retidão do reino em meio a um mundo injusto.* A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta[1] *(grifo acrescido).*

Neste aspecto, a igreja brasileira por décadas separou a palavra das obras e as obras da palavra, coisa que o próprio Jesus não fez. Ele foi "um profeta, poderoso em palavras e em obras diante de Deus e de todo o povo" (Lc 24:19).

Neste capítulo, tendo como foco a missão integral no contexto urbano, visando a transformação urbana, procuraremos respostas para três perguntas:

- O que Deus pensa da cidade?
- Onde está Deus na cidade?
- E o que Deus quer que sua igreja seja na cidade?[2]

Mas antes de respondermos é necessário refletir sobre alguns aspectos bíblico-teológicos a respeito da cidade. A igreja vive duas realidades: do Jardim do Éden à Nova Jerusalém e depois do Jardim do Éden e antes da Nova Jerusalém.

Do Jardim do Éden à Nova Jerusalém: A Cidade na Bíblia

Existem duas imagens claras na Bíblia a respeito da geografia da humanidade: o Jardim do Éden e a Nova Jerusalém. O jardim é prefigurado na harmonia com Deus e a nova Jerusalém como a cidade redimida sendo caracterizada pela diversidade na unidade. Diversidade porque trata-se de uma "grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas..." É essa riqueza multi-étnica, multicutural, multi-linguística que se junta para celebrar ao Cordeiro. Unidade porque estas nações, tribos, povos e línguas agora estarão "em pé diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação" (Ap 7:9-10). O Cordeiro, que redimiu e salvou estas nações, tribos e povos é o elo de ligação e todos clamam: ao Cordeiro pertence a salvação! Essa é a beleza e a riqueza de uma cidade marcada pela diversidade (sinal da criatividade e respeito de Deus para com todas as culturas) que unifica em Cristo, o Cordeiro. Assim, passa a se desenvolver a dramática história da humanidade. A humanidade agora, inclusive nós, vive no período pós – pré: pós-jardim e pré-nova Jerusalém. É nesse período que somos chamados a viver: na lembrança do que era e na esperança do que virá; entre o trauma do pecado e esperança da redenção; entre o já e ainda não. É nesse período que somos convocados a viver e desenvolver nossa missão. A Bíblia passa a revelar a história de um povo peregrino, que anda de cidade em cidade, em busca da terra prometida. Passa a ser, portanto, a história da redenção e da salvação do ser humano, que é acima de tudo, uma história do amor de Deus que busca e redime seu povo dos pecados.

Nossa história se dá nesse período do jardim à cidade santa. Não podemos nos esquecer de nenhum deles. O jardim nos lembra (1) qual era o propósito de Deus para humanidade e também (2) qual foi a decisão e a resposta do ser humano para com esse propósito. Esquecer do jardim é nos esquecermos de onde viemos. Não podemos lembrar do Jardim como apenas a geografia da tentação e do pecado. Minha percepção é

que nos lembramos muito mais do pecado e da serpente (tentador) do que do próprio Deus. Isso demonstra a tendência que temos para lembrar mais das coisas ruins e negativas. Precisamos e devemos lembrar que "Deus andava no jardim pela viração do dia" (Gn 3:8). Deus não somente andava no jardim, como também falava. O jardim é uma demonstração clara de que Deus é o Deus-da-relação. Diante da decisão errada do ser humano, sua fala foi e continua sendo a fala que busca a relação com sua criatura: onde estás? (Gn 3.9). Até o dia em que estaremos na nova Jerusalém, continuará ecoando nos quatro cantos da terra a mesma voz: onde estás? Onde estás, além de revelar o caráter e o clamor amoroso de Deus, também revela o nosso caráter e a nossa disposição para o pecado. E foi por causa desta disposição para o pecado que Deus "lançou fora do Jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado" (Gn 3:23).

Deus, por meio de sua igreja, continua perguntando aos expulsos do jardim: onde estas?

Também não podemos viver no aqui e agora sem a visão do celeste. O protestantismo acertou ao nos ensinar que não somos deste mundo, que o nosso lar é lá no céu. Mas errou ao não enfatizar que devemos viver no já com o paradigma do ainda não. O celeste porvir, a cidade celestial, deve nos impulsionar a viver e desenvolver nossa missão na cidade terrestre. Sem essa utopia (u-topos, uma nova geografia) e esperança não tem sentido viver neste mundo. Não somos chamados para viver separados dele, mas separados por Deus para o mundo. Se no jardim o ser humano foi expulso (Gn 3:24), na nova Jerusalém, informados por João, somos recebidos por Jesus, pois "pelo sangue, nos libertou dos nossos pecados" (Ap 1:5). Quando expulsos andamos como errantes e sem-teto nos assentamentos da vida. Agora, redimidos pelo sangue do Cordeiro, entramos nas moradas e habitações preparadas por Ele mesmo.

Eis a contextura da história da humanidade: da expulsão ao acolhimento, da condenação a redenção, dos guardas querubins e suas espadas cortantes (Gn 3:24) ao Cordeiro de Deus, da servidão à adoração. A pergunta continua sendo a mesma: onde estás? Da expulsão do Jardim do Éden às portas da Nova Jerusalém continua ecoando esse onde estás. E o que tudo isso tem a ver com a missão? Nossa missão, que na verdade é primeiramente a missão de Deus (missio Dei), é a de ajudar as pessoas a responder a pergunta: onde estás? Deus, por meio de sua igreja, continua perguntando aos expulsos do jardim: onde estas? Ele pergunta porque seu desejo é que "milhões de milhões e milhares de milhares" (Ap 5:11) possam proclamar em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza e sabedoria, e força e honra, e glória, e louvor" (Ap 5:12).

Vimos que "a Bíblia começa com um jardim perfeito e termina com uma cidade perfeita" (LIM 1988:38). Se há um começo e um fim há também um meio: depois do Jardim do Éden e antes da Nova Jerusalém, a vida na velha Jerusalém.

Depois do Jardim do Éden e antes da Nova Jerusalém: A Velha Cidade (Jerusalém)

Logo após a expulsão do jardim do Éden o ser humano agora precisa re-começar sua vida. No Jardim ele possuía alimentos, frutas, sombra e água fresca. Agora, sem teto, "em fadigas obterá dela [terra] o sustento durante os dias da tua vida. Ela produzirá cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes a terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás" (Gn 3:17-19). O ser humano tem que "lavrar a terra de que fora tomado" (Gn 3:23).

É nesse período, depois do Jardim do Éden e antes da nova Jerusalém, que a trama da história humana se desenvolve. Pão, sombra e água fresca passam a ser a busca desesperada do ser humano até os dias de hoje. Pão como símbolo do alimento diário. Sombra como símbolo de teto, casa e lar. Água fresca como símbolo das coisas que saciam a sede do ser humano. Nessa busca encontramos uma história de beleza e maldade cujo ator principal é o próprio ser humano. Para conseguir essas coisas ele é capaz de tudo: de amar e odiar, de abençoar e amaldiçoar, de salvar e matar, de construir e destruir. E as cidades passam a fazer parte integrante desta história. Eis a cidade de Babel e sua torre.

A cidade de Babel é, a meu ver, um símbolo negativo da relação entre o ser humano e Deus. Babel é justamente o contrário daquilo que Deus tencionava para a cidade. Babel é a cidade-mãe da secularização. Sua proposta era viver uma vida onde o centro de todas as coisas não era Deus, mas eles mesmos, querendo tornar seus nomes célebres (Gn 11:4). Eles no centro e Deus na periferia. Um culto para eles mesmos.

> *Disseram: Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo tope chegue até aos céus e tornemos célebre nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda terra. Então desceu Deus para ver a cidade e a torre, que os filhos dos homens edificaram; e o Senhor disse: Eis que o povo é um, e todos têm a mesma linguagem. Isto é apenas o começo, agora não haverá restrição para tudo o que intentarem fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem do outro. Destarte, o Senhor os dispersou dali para a superfície da terra; e cessaram de edificar a cidade*[3].

Deus toma essa atitude por entender que aquilo era apenas o começo; ou seja, muito mais estava por vir por serem unidos e falarem a mesma língua. Deus sempre se mostrou preocupado com a inclusividade e não com a exclusão dos povos. Caminhava assim a cidade de Babel, com sua torre, como uma candidata à dominação, egocêntrica, superioridade cultural (mesma língua). Deus percebe isso e os dispersa. A cidade que Deus deseja é justamente oposta a Babel. Ela é inclusiva, multi-cultural, muti-linguística e multi-étnica. O único a ser

adorado é Ele e não a torre. Desde cedo, Deus já nos dava pistas de que o evangelho iria ser pregado, proclamado e vivido num contexto multicultural. Que o desafio do evangelho iria ser trans-cultural, ainda que dentro de uma mesma cidade, como são as grandes cidades do mundo de hoje. Em Babel, eles estavam buscando a unidade em uniformidade – um povo vivendo junto em uma grande cidade, tendo uma torre e uma língua em comum. Porém, em nossas cidades de hoje celebramos a unidade em meio à diversidade. A diversidade das línguas, das culturas, das classes sociais, das festas etc... ou seja, um mundo multicultural. Se nós, como igreja, queremos falar de modo relevante para este mundo, precisamos aprender a conviver e a cruzar essas barreiras culturais, raciais e sociais.

A uniformidade da cidade de Babel precisa dar lugar a rica diversidade da Nova Jerusalém. Na Revelação do Apocalipse as nações marcharão para a cidade, cada povo e cultura trará seus dons e talentos em frente de toda a humanidade. Será uma festa das nações. Nações que aparentemente foram destruídas no decorrer da história irão marchar para a Cidade de Deus, limpas e convertidas, trazendo sua glória para dentro dela. Esta é a beleza do lindo significado da descrição que temos da Cidade de Deus com doze portões, cada um feito de pérolas, paredes de jaspe e com doze fundações, cada uma com pedras preciosas diferentes, e as ruas pavimentadas com ouro – uma rica diversidade que se une ao redor do trono de Deus.

Mas nós ainda vivemos na cidade do meio – depois do Jardim do Éden e antes da Nova Jerusalém – que é a nossa velha Jerusalém.

Muitas de nossas cidades ilustram a diversidade da cidade moderna. Ande pelas ruas de São Paulo e você encontrará centenas de padarias portuguesas. Entre em uma livraria e você encontrará um cristão, um espírita e um ateu procurando por algo que lhes interesse. Você pode escolher comer uma bela macarronada no bairro Bexiga ou uma comida japonesa no bairro da Liberdade. Se preferir, você pode degustar uma porção de carne seca acebolada ao som de um pagode, em algum bar da cidade. Ao andar no centro, acabará inevitavelmente esbarrando nas barracas dos camelôs, onde se compra quase de tudo, e ainda de quebra acaba comendo um pastel frito na hora. Pedintes, homens de terno e gravata, as cores dos times de futebol, carros e muita gente. Um microcosmo – um "caleidoscópio cultural". No final dos tempos, os tesouros das nações serão redimidos e encontrarão seu lugar na Cidade de Deus, a nova Jerusalém.

Seria muito afirmar que a Babel se tornará a nova Jerusalém? A cidade humana dará lugar para a Cidade de Deus. O exclusivo e uniforme, a pecadora cidade com sua alta torre, se transforma agora em uma cidade aberta, diversa, que recepciona com seus portões abertos dia e noite. Mas nós ainda vivemos na cidade do meio – depois do Jardim do Éden e antes da Nova Jerusalém – que é a nossa velha Jerusalém. O tempo na cidade ambígua está misturado entre o bem e o mal, o certo e errado, o belo e horrível, a riqueza e pobreza, o fraco e forte, o poderoso e o sem voz. Uma cidade que nos alegra é também a cidade cheia de situações que nos causa pavores. É um lugar dúbio. E na verdade não sabemos muito bem o que fazer com isto. E não sabendo o que fazer,

então fazemos perguntas:

Creio que nossas repostas para essas perguntas indicarão alguns caminhos para desenvolvermos a missão integral, ajudando-nos a ver a cidade com os olhos de Deus, norteando nossa reflexão enquanto caminhamos e vivemos nos centros modernos de hoje.

O que Deus pensa da cidade?

Se quisermos falar sobre a visão de Deus precisamos começar pelo centro de tudo, pelo amor de Deus pela cidade. A maioria das pessoas a vê como centro da maldade, crueldade, impiedade, impunidade, criminalidade, corrupção e outras insígnias. É certo que todas essas situações, e muitas outras ainda, fazem parte até mesmo do cotidiano dos centros urbanos. Porém, não deve ser esta a nossa abordagem primeira. A nossa abordagem deve ser o amor de Deus - porque Deus amou o mundo. Ao criar todas as coisas, viu Deus que era bom. Seu olhar foi o olhar da bondade e da beleza (Gn 1:31). Se existe algo que necessita ser mudado em nossa perspectiva em relação à cidade é a nossa visão, ou seja, o modo como a vemos, pois ele determinará o tipo de envolvimento para com a mesma. Diga-me qual é tua teologia que eu direi qual é o teu envolvimento com a cidade.

Em segundo lugar, Deus ama a cidade como se fosse sua. Em Ezequiel temos uma profunda descrição do amor de Deus neste sentido:

(1) Veio a mim esta palavra do Senhor: (2) "Filho do homem, confronte Jerusalém com suas práticas detestáveis (3) e diga: Assim diz o Soberano, o Senhor, a Jerusalém: Sua origem e seu nascimento foram na terra dos cananeus; seu pai era um amorreu e sua mãe uma hitita. (4) Seu nascimento foi assim: no dia em que você nasceu, o seu cordão umbilical não foi cortado, você não foi lavada com água para que ficasse limpa, não foi esfregada com sal nem enrolada em panos. (5) Ninguém olhou para você com piedade nem teve suficiente compaixão para fazer qualquer uma dessas coisas por você. Ao contrário, você foi jogada fora, em campo aberto, pois, no dia em que nasceu, foi desprezada.(6) "Então, passando por perto, vi você se esperneando em seu sangue e, enquanto você jazia ali em seu sangue, eu lhe disse: Viva! (7) E eu a fiz crescer como uma planta no campo. Você cresceu e se desenvolveu e se tornou a mais linda das jóias. Seus seios se formaram e seu cabelo cresceu, mas você ainda estava totalmente nua. (8) "Mais tarde, quando passei de novo por perto, olhei para você e vi que já tinha idade suficiente para amar; então estendi a minha capa sobre você e cobri a sua nudez. Fiz um juramento e estabeleci uma aliança com você, palavra do Soberano, o Senhor, e você se tornou minha. (9) "Eu lhe dei banho com água e, ao lavá-la, limpei o seu san-

gue e a perfumei. (10) Pus-lhe um vestido bordado e sandálias de couro. Eu a vesti de linho fino e a cobri com roupas caras. (11) Adornei-a com jóias; pus braceletes em seus braços e uma gargantilha em torno de seu pescoço; (12) dei-lhe um pendente, pus brincos em suas orelhas e uma linda coroa em sua cabeça. (13) Assim você foi adornada com ouro e prata; suas roupas eram de linho fino, tecido caro e pano bordado. Sua comida era a melhor farinha, mel e azeite de oliva. Você se tornou muito linda e uma rainha. (14) Sua fama espalhou-se entre as nações por sua beleza, porque o esplendor que eu lhe dera tornou perfeita a sua formosura. Palavra do Soberano, o Senhor[4].

Jerusalém é como uma criança órfã recém nascida que Deus adota. Deus ama a cidade a ponto de declarar que ela pertence a Ele- "...e você se tornou minha" (verso 8). Contudo, existe por aí uma idéia não-bíblica de que a cidade pertence a Satanás. O mundo jaz no maligno, mas jamais a Bíblia afirmou que o mundo pertence ao maligno. Na tentação do deserto Satanás se apresenta propondo a Jesus que o adorasse e como conseqüência ele, Satanás, lhe daria todos os reinos deste mundo. Como alguém pode dar algo se este algo não é dele?

Aquele que ama é também aquele que adota, demonstra compaixão e justiça para com a cidade. Esta é a terceira maneira como Deus a vê: ele a vê por meio da compaixão e justiça. Compaixão porque tem a capacidade de chorar e derramar lágrimas pelo estado da cidade. Jesus ao ver Jerusalém chorou (Lc 13:34-35). Foi um choro que demonstrou o quanto Ele a amava e também por ver o estado de pecado em que ela se encontrava. Foi como o choro de uma mãe que sente a dor de uma filha que dela se afasta (por isso a imagem da galinha/pintinhos).

A continuação do texto de Ezequiel deixa patente essa maneira compassiva e justa do olhar de Deus:

(15) Mas você confiou em sua beleza e usou sua fama para se tornar uma prostituta. Você concedeu os seus favores a todos os que passaram por perto, e a sua beleza se tornou deles. (16) Você usou algumas de suas roupas para adornar altares idólatras, onde levou adiante a sua prostituição. Coisas assim jamais deveriam acontecer! (17) Você apanhou as jóias finas que eu lhe tinha dado, jóias feitas com meu ouro e minha prata, e fez para si mesma ídolos em forma de homem e se prostituiu com eles. (18) Você também os vestiu com suas roupas bordadas, e lhes ofereceu o meu óleo e o meu incenso. (19) E até a minha comida que lhe dei: a melhor farinha, o azeite de oliva e o mel; você lhes ofereceu tudo como incenso aromático. Foi isso que aconteceu, diz o Soberano, o Senhor. (20) "E você ainda pegou seus filhos e filhas, que havia gerado para mim, e os sacrificou como comida para os ídolos. A sua

prostituição não foi suficiente? (21) Você abateu os meus filhos e os sacrificou para os ídolos! (22) Em todas as suas práticas detestáveis, como em sua prostituição, você não se lembrou dos dias de sua infância, quando estava totalmente nua, esperneando em seu sangue. (23) "Ai! Ai de você! Palavra do Soberano, o Senhor. Somando-se a todas as suas outras maldades, (24) em cada praça pública, você construiu para si mesma altares e santuários elevados. (25) No começo de cada rua você construiu seus santuários elevados e deturpou sua beleza, oferecendo seu corpo com promiscuidade cada vez maior a qualquer um que passasse. (26) Você se prostituiu com os egípcios, os seus vizinhos cobiçosos, e provocou a minha ira com sua promiscuidade cada vez maior. (27) Por isso estendi o meu braço contra você e reduzi o seu território; eu a entreguei à vontade das suas inimigas, as filhas dos filisteus, que ficaram chocadas com a sua conduta lasciva. (28) Você se prostituiu também com os assírios, porque era insaciável, e, mesmo depois disso, ainda não ficou satisfeita. (29) Então você aumentou a sua promiscuidade também com a Babilônia, uma terra de comerciantes, mas nem com isso ficou satisfeita. (30) "Como você tem pouca força de vontade, palavra do Soberano, o Senhor, quando você faz todas essas coisas, agindo como uma prostituta descarada! (31) Quando construía os seus altares idólatras em cada esquina e fazia seus santuários elevados em cada praça pública, você só não foi como prostituta porque desprezou o pagamento. (32) "Você, mulher adúltera! Prefere estranhos ao seu próprio marido! (33) Toda prostituta recebe pagamento, mas você dá presentes a todos os seus amantes, subornando-os para que venham de todos os lugares receber de você os seus favores ilícitos. (34) Em sua prostituição dá-se o contrário do que acontece com outras mulheres; ninguém corre atrás de você em busca dos seus favores. Você é o oposto, pois você faz o pagamento e nada recebe. (35) "Por isso, prostituta, ouça a palavra do Senhor! (36) Assim diz o Soberano, o Senhor: Por você ter desperdiçado a sua riqueza e ter exposto a sua nudez em promiscuidade com os seus amantes, por causa de todos os seus ídolos detestáveis, e do sangue dos seus filhos dado a eles, (37) por esse motivo vou ajuntar todos os seus amantes, com quem você encontrou tanto prazer, tanto os que você amou como aqueles que você odiou. Eu os ajuntarei contra você de todos os lados e a deixarei nua na frente deles, e eles verão toda a sua nudez. (38) Eu a condenarei ao castigo determinado para mulheres que cometem adultério e que derramam sangue; trarei sobre você a vingança de sangue da minha ira e da indignação que o meu ciúme provoca.

[39] Depois eu a entregarei nas mãos de seus amantes, e eles despedaçarão os seus outeiros e destruirão os seus santuários elevados. Eles arrancarão as suas roupas e apanharão as suas jóias finas e a deixarão nua. [40] Trarão uma multidão contra você, que a apedrejará e com suas espadas a despedaçará. [41] Eles destruirão a fogo as suas casas e lhe infligirão castigo à vista de muitas mulheres. Porei fim à sua prostituição, e você não pagará mais nada aos seus amantes. [42] Então a minha ira contra você diminuirá e a minha indignação cheia de ciúme se desviará de você; ficarei tranqüilo e já não estarei irado. [43] "Por você não se ter lembrado dos dias de sua infância, mas ter provocado a minha ira com todas essas coisas, certamente farei cair sobre a sua cabeça o que você fez. Palavra do Soberano, o Senhor. Acaso você não acrescentou lascívia a todas as suas outras práticas repugnantes? [44] "Todos os que gostam de citar provérbios citarão este provérbio sobre você: 'Tal mãe, tal filha'. [45] Você é uma verdadeira filha de sua mãe, que detestou o seu marido e os seus filhos; e você é uma verdadeira irmã de suas irmãs, as quais detestaram os seus maridos e os seus filhos. A mãe de vocês era uma hitita e o pai de vocês, um amorreu. [46] Sua irmã mais velha era Samaria, que vivia ao norte de você com suas filhas; e sua irmã mais nova, que vivia ao sul com suas filhas, era Sodoma. [47] Você não apenas andou nos caminhos delas e imitou suas práticas repugnantes, mas também, em todos os seus caminhos, logo se tornou mais depravada do que elas. [48] Juro pela minha vida, palavra do Soberano, o Senhor, sua irmã Sodoma e as filhas dela jamais fizeram o que você e as suas filhas têm feito. [49] "Ora, este foi o pecado de sua irmã Sodoma: ela e suas filhas eram arrogantes, tinham fartura de comida e viviam despreocupadas; não ajudavam os pobres e os necessitados. [50] Eram altivas e cometeram práticas repugnantes diante de mim. Por isso eu me desfiz delas, conforme você viu. [51] Samaria não cometeu metade dos pecados que você cometeu. Você tem cometido mais práticas repugnantes do que elas, e tem feito suas irmãs parecerem mais justas, dadas todas as suas práticas repugnantes. [52] Agüente a sua vergonha, pois você proporcionou alguma justificativa às suas irmãs. Visto que os seus pecados são mais detestáveis que os delas, elas parecem mais justas que você. Envergonhe-se, pois, e suporte a sua humilhação, porquanto você fez as suas irmãs parecerem justas. [53] "Contudo, eu restaurarei a sorte de Sodoma e das suas filhas, e de Samaria e das suas filhas, e a sua sorte junto com elas, [54] para que você carregue a sua vergonha e seja humilhada por

tudo o que você fez, o que serviu de consolo para elas. (55) E suas irmãs, Sodoma com suas filhas e Samaria com suas filhas, voltarão para o que elas eram antes; e você e suas filhas voltarão ao que eram antes. (56) Você nem mencionaria o nome de sua irmã Sodoma na época do orgulho que você sentia, (57) antes da sua impiedade ser trazida a público. Mas agora você é alvo da zombaria das filhas de Edom e de todos os vizinhos dela, e das filhas dos filisteus, de todos os que vivem ao seu redor e que a desprezam. (58) Você sofrerá as conseqüências da sua lascívia e das suas práticas repugnantes. Palavra do Senhor. (59) "Assim diz o Soberano, o Senhor: Eu a tratarei como merece, porque você desprezou o meu juramento ao romper a aliança. (60) Contudo, eu me lembrarei da aliança que fiz com você nos dias da sua infância, e com você estabelecerei uma aliança eterna. (61) Então você se lembrará dos seus caminhos e se envergonhará quando receber suas irmãs, a mais velha e a mais nova. Eu as darei a você como filhas, não porém com base em minha aliança com você. (62) Por isso estabelecerei a minha aliança com você, e você saberá que eu sou o Senhor. (63) Então, quando eu fizer propiciação em seu favor por tudo o que você tem feito, você se lembrará e se envergonhará e jamais voltará a abrir a boca por causa da sua humilhação. Palavra do Soberano, o Senhor[5].

Ora, este foi o pecado de sua irmã Sodoma: ela e suas filhas eram arrogantes, tinham fartura de comida e viviam despreocupadas; não ajudavam. Os pobres e os necessitados

Essas palavras precisam ser lidas sob a ótica de um traído e abandonado. Deus sofre ao ver a cidade se corrompendo e andando longe d'Ele. Apesar de pronunciar sua justiça, o final de tudo é este: "por isso estabelecerei a minha aliança com você, e você saberá que eu sou o Senhor. Então, quando eu fizer propiciação em seu favor por tudo o que você tem feito..." (Ez. 16:62-64).

Finalmente, Deus se regozija na cidade, querendo redimir e não esquecer sua criação. Deus deseja redimi-la reconstruindo a velha Jerusalém que será remodelada e reconstruída na nova Jerusalém. Essa reconstrução pode ser física, econômica, política e espiritual. Quantas instituições e movimentos maravilhosos não encontramos nos espaços urbanos. São, a meu ver, braços de Deus visando sua restauração e redenção. As muitas creches, asilos, orfanatos, lares, distribuição de comida, casas de recuperação são expressões do amor redentivo de Deus. Do ponto de vista cultural, a restauração das praças, parques e lugares turísticos são também obras dignas para manifestar a glória de Deus. A igreja com a cidade será aquela que trabalha para sua reconstrução e redenção.

Onde está Deus na cidade?

Onde está Deus em tudo isso? É a pergunta que muitos fazem em meio ao caos urbano. A resposta é simples: Deus está bem no meio de tudo isso! No meio do quebrado e contundido, do atordoado e de-

sorientado, do fraco e vulnerável, do moribundo e da morte. Ele não está confortavelmente sentado em uma poltrona celestial, assistindo à vida humana com um controle remoto em suas mãos. Ele está aqui, no meio da vida humana. E esse é o lugar onde a igreja deve estar também. Aqueles que crêem que Deus está longe assistindo ao drama da vida, tendem também a ter uma igreja distante, que não participa da vida cotidiana; tendem a desenvolver uma espiritualidade de geografias, os seja, de lugares sagrados para com Ele se encontrar. Por esta razão, muitas pessoas oram assim ao entrar na igreja: "Senhor, agora que entramos em tua presença..." E a pergunta que fica é esta: quando saiu? Simples: ao sair da igreja. Deus é, portanto, refém da nossa visão. Infelizmente os teólogos sistemáticos não nos ajudaram muito neste aspecto. Parece que enfatizaram mais o Deus absconditus do que o Deus Emanuel. Mais o Deus de olhos gigantes do que o Deus com mãos solidárias. Eu luto constantemente para poder ver Deus em meio à vida humana. Re-educo-me para poder ver Deus bem no meio da vida. Faço-me lembrar do seu Filho, que é Deus conosco, que se fez presente entre os pobres, os fracos; que ia a festas, comia com pecadores, que era solidário ao doente, que se compadecia de gente repleta de pecados. Onde está Deus nisso tudo? Ele está aqui no meio de tudo. Ele está onde sua criação está, pois se Ele não estivesse no meio da sua criação, seria um Deus inoperante e não-relacional. Mas não! Onde o necessitado e aflito estão, Ele também está para socorrer. Ele esta em relação e interação. É possível ver Deus exatamente de forma contrária aqui descrita, mas eu me nego.

Aqueles que crêem que Deus está longe assistindo ao drama da vida, tendem também a ter uma igreja distante, que não participa da vida cotidiana; tendem a desenvolver uma espiritualidade de geografias, os seja, de lugares sagrados para com Ele se encontrar.

Jesus disse "o que vocês deixaram de fazer a alguns destes meus pequeninos, também a mim deixaram de fazê-lo" (Mt 25:45). Deixar de fazer é não ser compassivo e amoroso. Quando buscamos suprir as necessidades do próximo, ali está Deus bem no meio de tudo através de nós. Jesus também disse na parábola do Bom Samaritano, "vá e faça o mesmo" (Lc 10:37). Tornamo-nos como Cristo para o próximo quando vamos e fazemos o mesmo. Quando acudimos ao necessitado, limpamos sua ferida e o despedimos em paz. Deus está no meio de nossos relacionamentos. Nós tornamos a presença de Deus real quando encarnamos em nossas cidades de hoje atitudes de compaixão e amor provenientes de Deus.

No livro de Apocalipse temos uma dica de como é o plano de Deus para a cidade. Lá Deus habitará finalmente com seu povo. Na cidade não haverá templos: "não vi templo algum na cidade, pois o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro são o seu templo" (Ap 21:22). Creio que nós poderíamos acelerar esse processo. Hoje, nossa escassez não é de templos, mas do que fazer com eles. Para alguns, o templo é muito santo e sagrado para certas atividades. Se desde agora o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro são nossos templos, então podemos pensar melhor sobre a resposta da pergunta, onde está Deus na cidade. Ele está onde nós estivermos. Mas se não estivermos Ele deixará de estar? Certamente não! Porém, se Deus está presente entre nós, então devemos tratar cada um com respeito, quer sejam os visitantes ou es-

trangeiros que encontramos em nossos caminhos, porque quem sabe não estamos hospedando anjos e nem sabemos disso?

O que Deus quer que sua igreja seja na cidade?

A partir desta reflexão compartilho minhas percepções pessoais sobre o assunto e sobre como Deus deseja que sua comunidade seja na cidade. Isto é o que eu penso a respeito do que Deus pensa sobre a ação da igreja na cidade. Vejo que Deus deseja que sua igreja seja:

Um centro de hospitalidade...

Para cidade. A visão de Deus nesse contexto é que sua igreja seja um lugar onde todos são bem recebidos. A qualquer momento o estrangeiro é bem recebido entre nós. Teremos duas afirmações possíveis. Quando Jesus fizer a chamada: Mateus 25:35 – muitos dirão: presente! ("fui estrangeiro, e vocês me acolheram"). Também quando Jesus fizer a chamada: Mateus 25:43 – muitos dirão: presente! ("fui estrangeiro, e vocês não me acolheram"). Um centro de hospitalidade é um lugar de boas vindas. Um lugar onde as pessoas possam se sentir em casa. Isto não é simplesmente receber as boas vindas nas igrejas, mas ter toda uma comunidade que demonstra atenção para com o estrangeiro. Um centro de hospitalidade é onde o solitário encontra amizade e o confuso, entendimento.

Um centro de refúgio...

Onde os de fora, os estrangeiros, os pobres, os fracos, os perseguidos e os não-amados possam encontrar um santuário. Isto nos faz lembrar das Cidades Refúgios que Deus preparou Israel no Antigo Testamento. Talvez a palavra asilo possa ser pertinente aqui. Ela oferece asilo para pessoas que:

- estão passando por situações de crises;
- estão pressionadas pela muitas atividades de uma vida coti dia na estressante;
- estão solitárias e sem amizades sólidas;
- estão confusas e não tem ninguém que as ouça,
- estão famintas e sedentas para achar o verdadeiro Deus.

Muitas vezes o fato de termos um estoque de cestas básicas demonstra nossa pré-ocupação em ser asilo para o desamparado. Revela nossa intenção de ser abrigo. Isto me faz lembrar de uma história, de um sacerdote católico da cidade de Los Angeles, que eu e um grupo de alunos do Fuller Theological Seminary fomos visitar certa vez. Era parte de um exercício prático de uma classe de missão urbana e foi escolhida essa paróquia por estar realizando sua missão em meio a comunidade urbana, especialmente entre as gangs de Los Angeles. O sacerdote nos contou uma história comevente:

Certa vez um homem, que no passado havia pertencido a nossa paróquia, veio nos visitar. Depois de conversarmos um pouco, ele

assim me disse. “Padre, foi aqui nesta paróquia que fui batizado, onde aprendi as coisas a respeito de Deus e onde minha fé foi alimentada. Porém, hoje, neste lugar não vejo mais uma igreja. Olhe aquele mendigo sentado lá no fundo! E aquele lugar ali que costumava ser uma sala de oração, virou banheiros onde os mendigos tomam banho. Antes este lugar era organizado, agora é uma baderna, um entra e sai de gente. Isto mais se parece com uma rodoviária do que com uma igreja. É, de fato, aqui costumava ser uma igreja”. O padre, sabendo exatamente o que se passava no coração daquele homem, em vez de responder ou retrucar, preferiu chamar um daqueles miseráveis que ali estavam. Ele disse: “Pedro, você poderia vir aqui um instante, por favor”.E lá vem o Pedro, todo alegre e feliz. “Pedro”, pergunta o padre, “o que significa este lugar para você?”. Ah padre, este lugar é tudo para mim. Eu estava morrendo debaixo da ponte e quando me trouxeram para cá eu encontrei uma família. Este lugar é a família que eu nunca tive”. O padre agradece ao Pedro e o despede. Em seguida ele chama uma moça e faz a mesma pergunta. Ela logo diz que aquele lugar salvou a vida dela, pois estava grávida, correndo risco de vida, e ali ela havia encontrado refúgio para poder receber a criança que estava em seu ventre. O padre agradece a moça e a despede. E assim ele o fez com mais algumas pessoas. Ao final de tudo ele se vira para o rapaz que dissera que aquele lugar costumava ser uma igreja: “Olha, eu sinto muito que para você este lugar tenha sido uma igreja. Mas eu não sinto nem um pouco por todas estas pessoas que estão aqui, pois para elas, esta é a única igreja e família que possuem”.

Assim como o farol está para o mar, assim também está a igreja para a cidade

É claro que eu nem preciso dizer que ao ouvir aquela história verdadeira todos nós estávamos em pranto, percebendo que a comunidade havia se tornado um centro de hospitalidade, um centro de refúgio, uma cidade santa para aqueles que haviam perdido as esperanças de viver. Eu sei que você poderá argumentar que a nossa tendência é ir logo dizendo como esse rapaz da história: “isso não é igreja, é uma bagunça”. A igreja que não está a serviço da vida e do próximo não tem o direito de querer ter o próximo dentro dela. Um dos grandes problemas que temos é que muitas das pessoas que vieram para a igreja são conseqüência de métodos de crescimento da igreja e não resultado de ações misericordiosas do seu povo. Certo mesmo estava Jesus, ao dizer: “Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia” (Mt 5:7). Quem foi alcançado como fruto da misericórdia não pode outra coisa oferecer, senão a própria misericórdia!

Um centro de misericórdia, esperança e vida.

Igreja é Betesda – uma casa de misericórdia. Se existe um lugar no mundo onde a vida deve receber o máximo valor é na igreja, no meio daqueles que professam a Jesus. Nossos legalismos e tradicionalismos só existem porque a vida não é a nossa prioridade. Quando esta, porém, está acima de tudo e ocupa a prioridade das nossas agendas, então é possível colher espigas no sábado (Lc 6:1). Então, é possível curar um homem de mão atrofiada no mesmo sábado (Lc 6:6). É sábado sim, mas existe uma mulher que está encurvada, com problemas

na coluna há cerca de dezoito anos, e ela sai curada (Lc 13:11). A vida esta em primeiro lugar, mesmo que o líder fique “indignado porque Jesus havia curado no sábado”. O dirigente da sinagoga disse ao povo: “Há seis dias em que se deve trabalhar. Venham para ser curados nesses dias, e não no sábado” (Lc 13:14). Havia um homem doente com o corpo inchado (Lc 14:1-2) e Jesus faz a seguinte pergunta para os religiosos: “Se um de vocês tiver um filho ou um boi, e este cair num poço no dia de sábado, não irá tirá-lo imediatamente?” (Lc 14:5). A resposta deles foi o silêncio: “e eles nada puderam responder” (Lc 14:6). Em vez de se posicionarem em função da vida, escolheram a covardia da tradição. É triste ter que chegar a esta conclusão por causa das tradições: “Hoje é sábado, não lhe é permitido carregar a maca” (Jo 5:10).

É necessário aprender o que Jesus disse aos que refutavam sua participação com os pecadores: “vão aprender o que significa isto: ‘Desejo misericórdia, não sacrifícios’. Pois eu não vim chamar justos, mas pecadores” (Mt 9:13; 12:7). É possível fazer as coisas e até mesmo liderar a igreja de Deus sem misericórdia. Jesus disse: “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês dão o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, mas têm negligenciado os preceitos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Vocês devem praticar estas coisas, sem omitir aquelas” (Mt 23:23).

Sabemos de onde viemos, o que fizemos e para onde vamos. Enquanto lá não estamos, nosso desafio é viver no já do nosso chão com os paradigmas do ainda não.

Jesus tinha o desejo que sua casa fosse lembrada como uma casa de oração: “a minha casa será casa de oração” (Lc 19:46). Qual é o lugar da oração nesta reflexão? Por meio da oração demonstramos misericórdia e esperança às pessoas, valorizando a vida delas. A oração deveria produzir em nós um coração mais misericordioso, uma boca que profere esperança para o outro. Uma casa de oração é uma casa de misericórdia. Uma casa de oração é uma casa de esperança. Uma casa de oração é uma casa de vida!

Um centro sinalizador do Reino...

Assim como o farol está para o mar, assim também está a igreja para a cidade. A igreja é convocada para ser “um sinal de contradição”, assim como foi Jesus. Simeão avisa e previne Maria que seu filho seria “um sinal de contradição” (Lc 2:34). Isto significa desafiar as normas e valores deste mundo, como demonstrado no sermão do monte.

A igreja esta na cidade e com a cidade. Está junto com muitas outras instituições, prédios, centros comerciais, entre os ricos e pobres, poderosos e sem voz, sendo ela também um sinal de contradição – contra as coisas que são desumanas, desafiando os valores do mundo e apontado os valores do reino de Deus, sua justiça. Uma igreja inclusiva e aberta, unida na diversidade, uma comunidade da compaixão. A única igreja que realmente brilha aos olhos de Deus é aquela que fielmente cumpre sua missão onde Ele a colocou. A que não cumpre brilha por causa do letreiro colorido colocado em seu nome. A que cumpre já entendeu que é chamada para ser luz no e do mundo. Todavia, conforme elucida o Pacto de Lausanne,

Não podemos esperar atingir este alvo sem sacrifício. Todos nós estamos chocados com a pobreza de milhões de pessoas, e conturbados pelas injustiças que a provocam. Aqueles dentre nós que vivem em meio à opulência aceitam como obrigação sua desenvolver um estilo de vida simples a fim de contribuir mais generosamente tanto para aliviar os necessitados como para a evangelização deles[6].

Assim como "não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte" (Mt 5:14), da mesma forma, não se pode esconder uma igreja que é missionária, pois ela brilhará "diante dos homens [mulheres], para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus" (Mt 5:16). Esta igreja é como um farol que sinaliza o caminho, sim, o caminho para o Reino de Deus.

Considerações Finais

Começamos nossa reflexão discernindo duas localidades geográficas: o jardim do Éden e a Nova Jerusalém. Sabemos de onde viemos, o que fizemos e para onde vamos. Viemos de um lugar projetado para ser harmônico, que foi invadido pelo pecado, e vamos para a Nova Jerusalém, a santa cidade restaurada por Deus. Enquanto lá não estamos, nosso desafio é viver no já do nosso chão com os paradigmas do ainda não. Se para lá vamos, então vamos trazer o lá para o aqui. Nada de escapismos e de fuga. Sejamos crentes e oremos como Jesus nos ensinou: "venha o teu reino; e seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu" (Mt 6:10). Não nos pode passar despercebidas as palavras assim na e como no. Assim como a vontade de Deus é plena no céu, da mesma forma seja ela na terra. Isto nos lembra outro assim como: "assim como o Pai me enviou, eu os envio" (Jo 20:21 – ênfase acrescida). Por isso, enquanto não estamos na Nova Jerusalém, o nosso dever missionário é viver na Velha Jerusalém (o nosso hoje) como se estivéssemos na Nova Jerusalém. Somos como os patriarcas da fé; "esperavam eles uma pátria melhor, isto é, a pátria celestial. Por essa razão Deus não se envergonha de ser chamado o Deus deles, e lhes preparou uma cidade" (Hb 11:6).

Três perguntas foram feitas:

- Como Deus vê a cidade? Ele a vê (1) com os olhos do amor, (2) como sendo sua, (3) com olhos compassivos e justos, e (4) com olhos que buscam e redimem sua criação.
- Onde está Deus na cidade? Bem no meio dela. Deus está no meio do quebrado e contundido, do atordoado e desorientado, do fraco e vulnerável, do moribundo e em meio as situações de morte. Ele não está confortavelmente sentado em uma poltrona celestial, assistindo à vida humana com um controle remoto em suas mãos. Ele está aqui, no meio da vida humana. E esse é o lugar onde a igreja deve estar também.

- E o que Deus quer que sua igreja seja na cidade? Um centro! Um centro não para si mesma, mas para o outro. Um centro de hospitalidade. Um centro de refúgio. Um centro de misercórdia-esperança-vida. Um centro sinalizador do Reino. Assim como o farol esta para o mar, assim também esta a igreja para a cidade.

Onde está Deus? Ele esta aqui, no meio de nós e tudo. O que é a sua igreja? Um coração que bate no coração da cidade. Se esse coração vai continuar batendo ou não, isso depende nós. Essa foi a proposta de Jeremias (29:7) para os judeus que estavam exilados na Babilônia, sem esperança, rejeitados, sonhando um dia voltar aos velhos e gloriosos tempos de Jerusalém e seu Templo. Jeremias orienta – os a parar de pensar no passado e começar a viver o presente, o aqui e agora, no meio de uma cultura e um povo estranho. Busquem o bem no meio onde vocês estão. Construam casas e casem-se, construam uma comunidade, compram e vendam, ou seja, vivam plenamente onde Deus os colocou. “Busquem a prosperidade da cidade para a qual eu os deportei e orem ao Senhor em favor dela, porque a prosperidade de vocês depende da prosperidade dela” (Jr 29:7).

Nós todos estamos nesta vida juntos. Estamos inter-conectados, inter-ligados, Igreja e Cidade. Não somos entidades separadas, costa a costa. As portas das nossas igrejas devem olhar para cidade e a cidade deve olhar para as portas das nossas igrejas. Estamos ligados, juntos e juntos devemos viver. O bem-estar nosso depende também do bem-estar da cidade e na prosperidade da cidade também seremos prósperos. Willian Temple disse que a igreja que vive para ela mesma morrerá por ela mesma. E Jesus morreu pelo mundo e não pela igreja.

Deus continua procurando sua criatura, reclamando dela uma resposta a sua pergunta: Onde estás? Esta pergunta também serve para a igreja: onde está a minha paróquia? Que nossa resposta seja como a de João Wesley, a “minha paróquia é o mundo”. Que Deus o ajude a ser um canal motivador para o desenvolvimento da missão integral no contexto da cidade.

Notas:

1 PACTO DE LAUSANNE. Comentado por John Stott. Série Lausanne. São Paulo: ABU Editora, 2003, p. 91.

2 Muitas das idéias aqui desenvolvidas foram extraídas de Cânon Alun Evans, em http://www.swanseastmary.fsnet.co.uk/Lecture.htm. *Capturado em 04/05/2005.*

3 Gn 11:4-8.

4 Ez. 16:1-14.

5 Ez. 16:15-63.

6 PACTO DE LAUSANNE, ibid., p. 93.

Bibliografía sugerida

Sugiro aqui uma lista bibliográfica que poderá lhe ajudar a compreender ainda mais a questão da Missão Integral no contexto da cidade.

ANTONIAZZI, Alberto e Cleto CALIMAN ((Org.)) *A Presença da igreja com na cidade. Petrópolis: EditoraVozez, 1994;*

BARRO, Jorge Henrique, ((Org.)). *O Pastor Urbano.* Londrina: Editora Descoberta, 2003;

BARRO, Jorge Henrique, ((Org.)). *Uma igreja sem propósitos.* São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2004;

BARRO, Jorge Henrique. *Ações Pastorais da Igreja com a Cidade.* Londrina: Editora Descoberta, 2000;

BARRO, Jorge Henrique. *De Cidade em Cidade. Londrina:* Editora Descoberta, 2002;

BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade.* 3.a. Edição. São Paulo, SP: Editora Perspectiva S.A., 1997;

BOBSIN, Oneide, (Org.) *Desafios urbanos à igreja.* São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 1995;

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna:* representação da história em Walter Benjamim. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2000;

CAMPOS, Candido Malta. *Os rumos da cidade.* São Paulo: Editora Senac, 2002;

CARLOS, Ana Fani A. *A cidade.* São Paulo: Editora Contexto, 1992;

CASÉ, Paulo. *A cidade desvendada.* Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2000;

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana.* São Paulo: Paz e Terra, 1975.

CASTRO, Clóvis Pinto de. *A cidade é minha paróquia.* São Bernardo do Campo, SP.: EDITEO (Editora da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista), 1996;

CASTRO, Clóvis Pinto de. Por uma fé cidadã: a dimensão pública da igreja. São Bernardo do Campo: UMESP e São Paulo: Edições Loyola, 2000;

CHOAY, Françoise. *O Urbanismo.* 4.a. Edição. São Paulo, SP: Editora Perspectiva S.A., 1997;

CNBB-REGIONAL SUL I. *A coordenação pastoral nos centros urbanos.* Petrópolis: Editora Vozes, 1997;

CNBB-REGIONAL SUL I. *O fenômeno urbano:* Desafio para a pastoral. Petrópolis: Editora Vozes, 1995;

COMBLIN, José. *Pastoral urbana.* Petrópolis: Editora Vozes, 1999;

COMBILN, José. *Teologia da Cidade.* São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1991;

DAWSON, John. *Reconquiste Sua Cidade para Deus.* São Paulo, SP: Editora Betânia S/C, 1995;

FERNADEZ, José Cobo, (Org.) *A Presença da igreja com na cidade II.* Petrópolis: Editora Vozez, 1997;

GOMES, *A condição urbana:* Ensaios de Geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001;

HALL, Peter. *Cidades do Amanhã.* São Paulo, SP: Editora Perspectiva S.A., 1988;

HILLMAN, James. *Cidade & Alma.* São Paulo, SP: Livros Studio Nobel Ltda, 1993;

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999;

MARX, Murillo. *Cidade no Brasil, Terra de Quem?* São Paulo, SP: EDUSP/Nobel, 1991;

OLALQUIAGA, Celeste. *Megalópolis: Sensibilidades Culturais Contemporâneas.* São Paulo, SP: Studio Nobel, 1992;

PALLAMIN, Vera M. (Org.) *Cidade e cultura:* esfera pública e transformação urbana. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2002;

ROLNIK, Raquel. *O que é a cidade.* 3.a. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994;

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão.* 4.ed. São Paulo, SP: Livros Studio Nobel Ltda, 1998;

SASSEN, Saskia. *As Cidades na Economia Mundial.* São Paulo, SP: Studio Nobel, 1998;

SCARLON, A. Clark. *Cristo na cidade.* Rio de Janeiro: JUERP, 1978.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão, (Org.) *Urbanização e cidades:* perspectivas geográficas. UNESP: Presidente Prudente, 2001;

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Capitalismo e urbanização*. São Paulo: Editora Contexto, 1998;

VELHO, Gilberto. *Antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.